

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Vera Lucia Rebonatto

A MUDIATIZAÇÃO DA TRAGÉDIA NA BOATE KISS
EM CAPAS DO JORNAL ZERO HORA

Passo Fundo

2013

Vera Lucia Rebonatto

A MUDIATIZACÃO DA TRAGÉDIA NA BOATE KISS
EM CAPAS DO JORNAL ZERO HORA

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo,
da Faculdade de Artes e Comunicação, da
Universidade de Passo Fundo, como requisito
parcial a obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, sob a orientação da Dra. Sônia
Bertol.

Passo Fundo

2013

Vera Lucia Rebonatto

A midiatização da tragédia na boate Kiss em capas do jornal Zero Hora

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Dra. Sônia Bertol.

Aprovada em 02 de dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Bertol - UPF

Prof^ª Dr^ª. Jacqueline Ahlert - UPF

Prof^ª. Ms. Nadja Hartmann - UPF

RESUMO

REBONATTO, Vera Lucia. **A midiatização da tragédia na boate Kiss em capas do jornal Zero Hora**. Passo Fundo, 2013, 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Jornalismo). UPF, 2013.

Transformadas em mercadorias, as informações noticiosas constituem uma realidade fragmentada reduzida a critérios do veículo de comunicação e do jornalista. Este estudo caracteriza-se por analisar, a luz da Semiótica e da Teoria da Midiatização, como o jornal Zero Hora agiu ao noticiar a tragédia de Santa Maria. A interpretação de cinco capas estudadas aponta para a espetacularização da notícia que induz o leitor a tomar um posicionamento, possivelmente o desejado pelo veículo.

Palavras-chave: Midiatização, jornalismo do espetáculo, arte dramática, Ciência dos Signos.

ABSTRACT

REBONATTO, Vera Lucia. **The media coverage of the tragedy at the nightclub Kiss covers in the newspaper Zero Hour**. Passo Fundo, 2013, 51s. Completion of course work (Journalism Course). UPF, 2013.

Transformed into goods, the information constitute a fragmented reality reduced to criteria of communication vehicle and journalist. This study is characterized by analyzing the light of Semiotics and Theory of Mediazation, as the Zero Hora newspaper was entitled to report the tragedy of Santa Maria. The interpretation covers five study points to the spectacle of the news that induces the reader to take a position, possibly at the desired vehicle.

Keywords: Mediazation, journalism spectacle, drama, Science Signs.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	06
2.	O PROBLEMA DE PESQUISA.....	07
2. 1.	OBJETIVOS.....	08
2. 1. 1.	Objetivo Geral.....	08
2. 1. 2.	Objetivos Específicos.....	08
3.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
3. 1.	Jornalismo e mídia impressa.....	09
3. 2.	Sociedade e Jornalismo do espetáculo.....	10
3. 3.	Midiatização como ação e influência da mídia.....	13
3. 4.	Semiótica: o centro de preocupação é a mensagem.....	15
4.	ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	20
4. 1.	Análise capa Edição 28 de janeiro.....	21
4. 2.	Análise capa Edição 29 de janeiro.....	25
4. 3.	Análise capa Edição 30 de janeiro.....	29
4. 4.	Análise capa Edição 31 de janeiro.....	33
4. 5.	Análise capa Edição 1º de fevereiro.....	36
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS.....	42
	ANEXOS.....	45

1. INTRODUÇÃO

O dia 27 de janeiro de 2013 amanheceu trágico em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Um incêndio ocorrido durante a madrugada em uma boate, no centro da cidade, provocou a morte de mais de 240 pessoas, a maioria jovens estudantes da Universidade Federal de Santa Maria. O fato, que comoveu o estado pela gravidade do acidente, foi reforçado ainda mais pelo bombardeio de informações da mídia brasileira e até do exterior.

A pesquisa que se propõe nas páginas seguintes estará focada nessa tragédia, e faz parte da disciplina Monografia do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, girando em torno do jornalismo do espetáculo, entendido como uma prática que existe aonde há capitalismo, que atrai e que utiliza elementos do ato teatralizado (ALMEIDA et al. 2013).

A pesquisa fornece embasamento teórico para responder como jornal impresso gaúcho, o Zero Hora, midiaticizou a tragédia ocorrida em Santa Maria. Se midiaticização, a partir dos conceitos de Klein (2013), é a ação da mídia, em que a compreensão se dá, também, no âmbito da mídia e nos processos de comunicação e midiático (KLEIN, 2013, p. 35), então a pesquisa se propõe a analisar algumas das produções do veículo, uma vez que é por meio dos produtos que constrói que a mídia tem a capacidade de transformar a sociedade (2013).

Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar como o veículo agiu ao transformar os acontecimentos em material jornalístico. E, como objetivos específicos, revisar a literatura que compreende os conceitos de Jornalismo, Midiaticização e Espetáculo e a partir disso verificar se as notícias são espetaculares através da análise de cinco capas do jornal Zero Hora.

2. O PROBLEMA DE PESQUISA

O cientista e pesquisador em comunicação Guy Debord já dizia em 1997 que se vive muito mais representações do que a própria realidade e que “isso se dá pela mediação das imagens e mensagens dos meios de comunicação de massa, que são a manifestação superficial mais esmagadora da sociedade do espetáculo” (DEBORD apud CORBARI e CASALI, 2007, p. 3). Nesse sentido, desenvolver uma pesquisa que tem por base a análise de publicações de um fato noticioso que tomou proporção mundial, tende a ter relevância acadêmica, pessoal, profissional e social.

Uma investigação sobre as capas publicadas pelo jornal Zero Hora nos dias 28, 29, 30, 31 de janeiro e 1º de fevereiro da tragédia ocorrida na boate Kiss em Santa Maria-RS tende a desenvolver domínio sobre a pesquisa em âmbito universitário, tendo, portanto, relevância acadêmica uma vez que é na academia o local para a discussão de temas como mídia e sociedade, por exemplo.

A pesquisa é de relevância pessoal, pois a forma como a notícia foi publicada desperta curiosidades quanto à forma utilizada para sensibilizar os leitores bem como com relação ao número de páginas e disposição do conteúdo publicado.

A análise das publicações não deixa de ser importante para a formação profissional e para a sociedade porque busca compreender algumas peculiaridades do meio e da profissão como a sensibilização das informações como tática de persuasão do público do jornalismo.

Para concretizar este estudo foi necessário retomar o fato, analisar o material publicado e as relações entre os textos e imagens publicadas pelo jornal por meio de técnicas de pesquisa qualitativa e de amostragem. A pesquisa documental será analisada sobre o Perspectiva Crítica e Paradigma Linguístico semiótico e por meio da Teoria da Mídia e terá fundamentação bibliográfica de autores como Fausto Neto, Guy Debord, Jorge Pedro Sousa, Lúcia Santaella, Otavio José Klein e Pedro Gomes.

2. 1. OBJETIVOS

2. 1. 1. Objetivo Geral

- A presente pesquisa propõe-se a analisar a forma como o jornal Zero Hora midiaticizou a tragédia ocorrida na boate Kiss em Santa Maria-RS, isto é, como o veículo agiu ao noticiar acontecimentos transformados em produtos com sentido de realidade.

2. 1. 2. Objetivos Específicos

- Revisar a literatura acerca dos principais conceitos que serão utilizados na pesquisa: Midiatização e Jornalismo do Espetáculo;
- Através do material de análise coletado, verificar se a cobertura empreendida pelo jornal caracterizou-se como jornalismo de espetáculo;
- Verificar a relação de linguagem entre manchetes, fotos e textos em geral que o jornal publicou em capas com relação à tragédia ocorrida na boate Kiss em Santa Maria-RS e sua caracterização como jornalismo de espetáculo ou não;
- Por fim, a pesquisa propõe-se a verificar se os conteúdos publicados sobre o assunto caracterizam o que se chama de espetacularização da notícia.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3. 1. Jornalismo e mídia impressa

Cabe ao jornalismo manter um sistema de vigilância dos poderes. Conforme Jorge Pedro Sousa, o jornalismo deve ser uma comunicação útil e, portanto, informar significa noticiar sobre todos os acontecimentos e problemáticas relevantes em uma sociedade, estejam ou não relacionados com a ação dos agentes de poder.

A arte de informar e contar histórias que é o jornalismo tem origens remetidas aos tempos imemoriais, quando os seres humanos começaram a transmitir informações, novidades e a contar histórias por necessidade, entretenimento ou por preservação da memória às futuras gerações.

Sousa (SOUSA, 2013, p. 34) explica que a fixação das estruturas das matérias e dos temas abordados pelo jornalismo, deve-se aos gregos que estabeleceram valores e formas de agir dos jornalistas e definiram os formatos dos conteúdos jornalísticos. E diz, também, que as *Actas Publicas* é que primeiro surgiram no mundo com característica jornalística, (grifo do autor).

O autor é convicto ao dizer que “o jornalismo noticioso é uma invenção europeia dos séculos XVI e XVII, com raízes remotas na antiguidade clássica e antecedentes imediatos na Idade Média e no Renascimento” (SOUSA, 2013, p. 56). Ele explica que ocorreu uma metamorfose na imprensa americana no século XIX que gerou transformações no jornalismo praticado na Europa e no resto do mundo. Afirma que a imprensa europeia entrou no século XX forte em tradição e culturas específicas e em elementos importados dos Estados Unidos. E assim foi também no resto do mundo.

As informações quando configuradas em notícias percorrem, segundo Deodoro José Moreira, um longo caminho até o leitor e nunca são o fato como ele realmente é. Para ele a notícia é um evento interpretado porque os jornais mais constroem os acontecimentos que os retratam (MOREIRA, 2013).

Ciro Marcondes Filho propõe que notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os apelos estéticos, emocionais e sensacionais (Apud MOREIRA, 2013) e Wolf diz que “a seleção do acontecimento ocorre pela escolha dos valores-notícia, capazes, pela sua relevância, de transformá-lo num fato notável de ser registrado discursivamente” (apud MOREIRA, 2013).

Moreira defende, ainda, que a notícia precisa ter um apelo para tocar o leitor e assim ser consumida: “[...] é preciso que o leitor aceite o contrato de leitura proposto pelo jornal. E o título é uma das principais armas utilizadas para essa ‘captura’” (MOREIRA, 2013). Assim, como também defende o autor, o jornalismo trabalha com efeitos de sentido na construção do texto e colocação de imagens com a finalidade de envolver os enunciatários.

Quando os veículos de comunicação transformam um fato em informação noticiosa, determinam o que deve ser de conhecimento da população e fazem uma avaliação de valores que pertencem àquela informação, sobre aspectos político-editoriais, fontes e de público. São os valores notícia.

Para Wolf (Apud SOUSA, 2013 a, p. 41), os valores-notícia se classificam em critérios relativos ao conteúdo (importância e interesse das notícias), critérios relativos ao produto (que têm a ver com a disponibilidade das informações e com as características do produto informativo), critérios relativos ao *medium*, ao público e à concorrência (grifo do autor).

Já para Carlos Eduardo Franciscato (FRANCISCATO, 2003) os valores notícia tratam-se de recursos redutores de classificação da realidade, pois mostram uma realidade fragmentada reduzida pelo jornalista à seleção e investimento de importância dos fatos. Para esse autor a novidade é adotada como um recurso que reconhece a noticiabilidade de um fato porque garante uma ligação desse fato com o presente e que as notícias são consequência do fluxo das coisas que ocorrem no mundo.

3. 2. Sociedade e Jornalismo do espetáculo

Antigamente, na Grécia, as praças públicas configuravam um espaço de discussão entre poderes e pessoas de uma sociedade, hoje é a mídia quem ocupa esse espaço de trazer a tona questões para discussão. Para Alexandre Silva Fernandes, “a mídia tornou-se esfera de visibilidade pública central na contemporaneidade, ditando suas regras a todas as esferas sociais que queiram nela habitar ou dela se informar” (FERNANDES, 2013, p. 1). Assim parece ser clara a presença de interesses econômicos e de formulação e defesa de ideias a partir dos ideais de cada veículo.

O conceito de sociedade do espetáculo é amplo, é abrangente. O teórico Guy Debord deixa-o claro e opõe-se a sociedade espetacular. Ele diz que o espetáculo tem uma raiz fixada na economia que se tornou abundante, e é de lá que vem os frutos que tendem a dominar o mercado espetacular sendo a principal produção da sociedade.

Para o autor toda a vida em sociedade onde predomina as condições de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos porque “tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação” (DEBORD, 1997, p. 8). Assim sendo, como Debord mesmo define, o espetáculo “é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário – o consumo” (1997, p. 10, grifo do autor).

O autor define espetáculo como sendo uma relação social entre pessoas mediatizada por imagens, e não um conjunto de imagens. A linguagem que o constitui é composta por signos da produção que é reinante, esses signos são, ao mesmo tempo, o princípio e a finalidade última da produção (1997).

A sociedade do espetáculo, (p. 15), é uma formulação que escolhe o próprio conteúdo técnico, administrada por intermédio do poder de comunicação, e o espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos meios de comunicação de massa, está longe da neutralidade – até porque quem o faz defende interesses do veículo em que atua.

Debord defende que a realidade surge no espetáculo e que o espetáculo é real, uma alienação recíproca que é a essência e a base da sociedade existente (1997). Na concepção da construção desse real brotam forças e perigos de discursos na cultura do espetáculo que, ao mesmo tempo coloca a disposição dos sujeitos contemporâneos uma quantidade muito maior de informação e propõe o pensar nas consequências da dimensão desenfreada na textualidade da mídia: “trata-se de [...] podermos desenvolver táticas e estratégias de luta contra a alienação provocada pela cultura do espetáculo” (GREGOLIN, 2003, p. 17).

É tentadora a ideia de aderir ao espetáculo. Para Nora (1995, p.186 *apud* GREGOLIN, 2003, p. 133), “a lei do espetáculo é a mais totalitária do mundo livre”. Para Debord “o espetáculo remete à esfera do sensacional, que funciona como um modo de atração, atuando na formação de produção de seus sentidos” (DEBORD, 1997, p. 5). O espetáculo pode ser entendido como parte integrante da sociedade capitalista porque disputa a atenção do público em meio à concorrência de informações de outros veículos e informações que circulam na sociedade.

Por isso, “o espetáculo na sociedade contemporânea corresponde a uma fabricação concreta de alienação. A expansão econômica é, sobretudo, a expansão dessa produção industrial específica” (DEBORD, 1997, p.24). Para Cláudio Coelho a caracterização do

capitalismo como a sociedade do espetáculo se dá através do caráter cotidiano da produção de espetáculos, a quantidade de espetáculos e o vínculo com a produção de mercadorias feitas em larga escala (COELHO, 2011).

A espetacularização, ou teatralização, difere do conceito de sensacionalismo. Este é definido por Rosa Pedroso como: “[...] exploração do fascínio pelo extraordinário, pelo desvio, pela aberração, pela aventura, que é suposto existir apenas na classe baixa” (PEDROSO, 2001, p. 52, apud FRANCISCATO; GÓES, 2012, p. 3). O sensacionalismo explora o interesse humano, a simplificação, a deformação, a banalização da violência, da sexualidade e do consumo. Explora a ridicularização das pessoas humildes, o mau gosto e a invasão de privacidade (AMARAL, 2006, p. 21 apud FRANCISCATO; GÓES, 2012, p. 3).

Um dos elementos que compõe e fundamenta a arte dramática (SILVA, 2013, p. 2) – entendida como uma prática jornalista que utiliza elementos para atrair a atenção do público, é a repetição constante de imagens e informações, isso caracteriza a teatralização, ou espetacularização, de acontecimentos tratados pela mídia, podendo ser entendido como um mecanismo de produção do espetáculo, cuja espetacularização está na sua essência, para a captura da atenção pelo arrebatamento de sentidos (ASSIS, 2006, p. 199 apud SOUSA, D. 2013, p. 6-7).

Yves Stalonni elenca alguns elementos que indicam prática de teatralização, entre eles a existência de “um texto dramático especialmente carregado de situações conflitantes transponível por vias visuais e sonoras de forma a tornar-se “espetáculo” e produzir efeitos sobre o público” (STALONNI, 2003, p. 48 apud SOUZA, 2013, p. 31).

Acontecimentos como o ocorrido em Santa Maria-RS podem promover catarse no ser humano, pois, conforme afirmação de Nietzsche (1983 Apud SILVA, 2013, p. 7), a experiência trágica desencadeia as reações mais nobres do ser humano para uma dimensão sublimada, esteticamente dramatizada do acontecimento, catarse reforçada por um processo de mediação.

A forma como a tragédia, transformada em produto noticioso, foi oferecida para os do Zero Hora leitores contribuiu para reforçar o desenvolvimento de reações emocionais como o sentimento de horror e de piedade, pois trazida às páginas do impresso reforça esses sentimentos que o ser humano tem, por naturalidade, quando ocorrem tragédias.

3. 3. Mídiação como ação e influência da mídia

O conceito de mídiação ainda é novo embora na academia cresçam pesquisas que o tenham por base, mas uma coisa é certa: mídiação difere de mediação.

Em *Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural* – versão revisada e atualizada para MATRIZES do artigo publicado na Nordicim Review – o professor doutor do Departamento de Comunicação Social, Cognição e Comunicação da Universidade de Copenhague, deixa claro que “a mídiação é um processo de *dupla face* no qual a mídia se transformou em uma instituição *semi-independente* na sociedade à qual outras instituições têm que se adaptar”(HJARVARD, 2013, p. 53).

Hjarvard explica que o conceito de mídiação foi revelado como produtivo para a compreensão de como a mídia se difunde e influencia campos como a política e religião (p. 54), não sendo mais separada das instituições culturais e sociais. O autor, em meio ao que escreve, tenta entender a maneira pelas quais as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, de função e de estrutura em resposta à onipresença da mídia, isto é: a capacidade de a mídia estar presente ao mesmo tempo em vários lugares da sociedade.

A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua. A *dualidade* desta relação estrutural estabelece uma série de pré-requisitos de como os meios de comunicação, em determinadas situações, são usados e percebidos pelos emissores e receptores, afetando, desta forma, as relações entre as pessoas (HJARVARD, 2013, p. 55).

Diferente de mediação, mídiação refere-se a um processo por meio do qual as instituições sociais e culturais e os modos de interação são alterados como consequência do crescimento da influência dos meios de comunicação (HJARVARD, 2013, p. 66), podendo ser direta ou indireta.

Como direta o autor diz que “a atividade é realizada através da interação com um meio” e indireta “quando uma determinada atividade é cada vez mais influenciada, no que diz respeito à forma, ao conteúdo ou à organização pelos símbolos e mecanismos midiáticos” (p. 67). Para o autor, ainda, “a mídiação direta torna visível como uma determinada atividade social é transformada de uma atividade não-mediada a uma forma

mediada e, em tais casos, é bastante fácil estabelecer um *antes* e um *depois* e analisar as diferenças” (grifo do autor). A midiaticização indireta para ele de uma atividade ou esfera “tem um caráter mais sutil e geral e está relacionada ao aumento geral da dependência por parte das instituições sociais dos recursos de comunicação” (p. 67).

Otávio José Klein resume o termo como sendo “a ação da mídia” (Klein, 2013, p. 35) e afirma que a compreensão se dá em relação a dois âmbitos sociais: um refere-se à sociedade e aos seus processos onde ocupa o lugar de espectadora e o outro se refere à própria mídia e aos processos de comunicação ou midiáticos, sendo “a ação da própria mídia sobre a realidade, transformando-a em produtos com sentido de realidade” (p. 38) porque passa a ser representada e não apresentada ao consumidor de notícias.

Viseu Verón (1997 apud, KLEIN, 2013, p. 39) considera a midiaticização como sendo o resultado de imagens e operações linguísticas, indissociáveis uma da outra e que os fatos são uma coisa, opiniões e interpretações da mídia outra. Isso sugere a possibilidade de que o conjunto de imagens e informações textuais referentes à tragédia ocorrida em janeiro no Rio Grande do Sul podem ter sido utilizados para representar uma realidade e emitir a opinião do veículo Zero Hora.

Assim, conforme Fausto Neto, “[...] o acontecimento midiaticizado não depende mais tanto das fontes e de outras transações discursivas, mas sim, e especialmente, do investimento do trabalho de enunciação, que se transforma num acontecimento” (2007 apud KLEIN 2013, p. 40).

A Teoria da Midiaticização, portanto, é a luz para compreensão e interpretação da realidade, como também define Gomes que afirma, ainda, que as pessoas não definem mais a sua vida separada do palco (GOMES, 2006, p. 121). Para ele “palco e plateia juntaram-se num só conjunto e que tudo passa a ser palco, do qual todos participam” (GOMES apud KLEIN, 2013, p. 37).

O termo Midiaticização é utilizado em diferentes contextos para caracterizar a ação e a influência que a mídia exerce sobre uma série de fenômenos, e assim também deve ser utilizado na análise e interpretação de como o incêndio ocorrido em Santa Maria, em 27 de janeiro de 2013, foi abordado nas capas do impresso gaúcho Zero Hora daquela semana.

3. 4. Semiótica: o centro de preocupação é a mensagem

Ao mesmo tempo em que pode ser estranha e até desconhecida para muitos comunicadores e mais ainda a profissionais de outras áreas, a Semiótica também é essência para quem respira informação e seus fundamentos uma vez que, como uma ótica, fornece embasamento para a observação do que nos cerca.

A semiótica integra o Paradigma Linguístico Semiótico que tem como ponto de partida as teorias ligadas ao estudo da mensagem e procura entender o uso da língua e dos signos com uma ciência específica, a Semiologia (TEMER e NERY, 2009, p. 123). Batizada, na Europa, pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) no início do século XX, que propôs a existência de uma ciência geral dos signos, a Semiologia “designa a teoria da linguagem e suas aplicações a diferentes conjuntos significantes” (TEMER e NERY, 2009, p. 123).

Entendendo-se signo no sentido de linguagem, a Semiótica é a ciência que estuda todas as possíveis linguagens estabelecidas em um processo comunicativo, seja em um diálogo estabelecido entre pessoas, em fotografia, em texto de jornal, etc. Temer e Nery afirmam que: “o centro da preocupação da semiótica é a mensagem” (TEMER e NERY, 2009, p. 136).

Por ser a mensagem o centro de preocupação da Ciência dos Signos, justifica utilizar de seus fundamentos para compreender o que foi veiculado nas capas de Zero Hora ao longo dos cinco primeiros dias depois da tragédia em Santa Maria-RS.

Essa ciência possui três ramos de estudo: Gramática Especulativa – o mais estudado e que será detalhado aqui –, a Lógica Crítica e a Retórica Especulativa. No primeiro ramo são estudados os mais variados tipos de signos e as formas de pensamento que eles possibilitam; o segundo tem como base as diversas espécies de signos e estuda os tipos de interferências, raciocínios ou argumentos que se estruturam através de signos; e o terceiro tem por função analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio (Abdução, Indução e Dedução) dá origem. (TEMER e NERY, 2009, pp. 138-139).

Por ótica entendemos que seja uma parte da Física que trata das propriedades da luz e da visão, por semiótica a ciência que se dedica ao estudo dos signos. Não podemos entendê-la como uma chave que abre as portas dos processos de signos que queremos compreender, ela dá passos, mas para isso é preciso entender alguns conceitos e o contexto sócio histórico em que os signos estão inseridos. Entendamos signo primeiro.

Signo é um termo que vem do latim, *signum*, e surge da necessidade que o ser humano tem de representar coisas e facilitar a comunicação. Signo, portanto, “é qualquer coisa de qualquer espécie que representa outra coisa chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito chamado de interpretante do signo (SANTAELLA, 2005, p. 8).

Charles Peirce diz que o mundo inteiro é composto de signos. Em suas obras, segundo Lucia Santaella que é semioticista brasileira e as estuda, Peirce dá várias definições para signo entre elas a de que o signo pode ser entendido como todas as representações de diferentes objetos (SANTAELLA, 2005). Santaella afirma na obra intitulada “*A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*”, se tratar de um equívoco as pessoas dizerem que signo necessariamente representa alguma coisa para alguém (SANTAELLA, 2008).

Nesta obra (Fisch, 2.228, *apud* SANTAELLA, 2008, p. 12) ela explica que um signo, também chamado de *representamen*, pode ser entendido como aquilo que sobre certo modo representa algo para alguém porque cria na mente da pessoa um signo equivalente ou até mais desenvolvido e este é chamado de interpretante do primeiro signo. Essa coisa que o signo representa é chamada de objeto.

Assim diz:

Defino um Signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um Objeto e, de outro, assim determina uma idéia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o *Interpretante* do signo, é, desse modo, mediatemente determinada por aquele Objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com o seu Interpretante (Fisch, 8.343, *apud* SANTAELLA, 2008, p. 12).

Há, então, nessa ciência três termos fundamentais a serem compreendidos que formam uma relação triádica, base para toda a teoria que Peirce e Santaella defendem, e aplicável em todas as mensagens.

O signo tem a função de “representar o que está ausente e não é percebido” (PEREIRA, 2001, p. 46 *apud* TEMER e NERY, 2009, p. 143). Também chamado de *representamen* é como um veículo que comunica à mente algo do seu exterior e é primeiro correlato de uma relação triádica. O signo está denominado no seu objeto, este é, por isso, o segundo correlato da relação triádica; o terceiro corresponde ao interpretante que é a ideia que ele provoca (Ransdell, 1983 *apud* SANTAELLA, 2008).

Com relação ao objeto, Peirce diz significar a “criação da mente na sua relação com algo mais ou menos real, criação esta que se torna aquilo para o qual a cognição se dirige [...]” (SANTAELLA, 2008, p. 33), ou, de maneira mais simples, “é aquilo que o signo substitui” (TEMER e NERY, 2009, p. 144).

Por interpretante, entendamos primeiro que não se trata de sinônimo de interpretação ou mesmo interprete, mas do significado do signo ao mesmo tempo em que se constitui em outro signo, o que redundaria na afirmação peirceana de que o significado de um signo trata-se de outro signo (SANTAELLA, 2008, p. 65). Para simplificar ao leitor, interpretante “é o efeito que o signo produz na mente do intérprete” (TEMER e NERY, 2009, p. 145).

Um exemplo possibilita o entendimento: a palavra caderno é signo do objeto caderno e tem como interpretante objeto de estudo utilizado para escrever. Outro exemplo: uma fotografia de Dilma Rousseff é signo da própria presidente do Brasil, objeto de nosso exemplo. O interpretante pode aparecer à mente das pessoas como a perseguida da ditadura militar que hoje não atende os anseios da população e por isso também é atacada por ondas de protestos que baixaram sua aceitação na sociedade.

A teoria parece ficar mais complicada a partir da divisão do signo. O signo tem dois objetos, o Dinâmico e o Imediato, e três interpretantes, Interpretante Imediato, Interpretante Dinâmico e Interpretante Final (SANTAELLA, 2008).

O Objeto Imediato “é o objeto dentro do signo. O modo como está representado no signo. O objeto como pensamos que ele é. É o que supomos conhecer do objeto num certo momento”. Já o Objeto Dinâmico “é o objeto fora do signo. O objeto real. É o objeto como ele é. É o próprio fenômeno” (TEMER e NERY, 2009, pp. 148-149). Por exemplo, a palavra trono: o objeto imediato da palavra trono é a própria acústica e aparência gráfica da palavra e o objeto dinâmico, também chamado de real, é o trono como ele é, um objeto utilizado para sentar normalmente por nobres como os reis.

Vejam os interpretantes. Lucia Santaella diz que a fenomenologia é uma ciência que investiga os modos como apreendemos as coisas que aparecem à mente (SANTAELLA, 2005, p. 2), que podem ser em Primeiridade, Secundidade ou Terceiridade.

A Primeiridade é, em síntese, a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos do mundo. É A Mera possibilidade. A Secundidade é a categoria da comparação, da ação, da realidade, da experiência. Corresponde ao aqui e agora, a dualidade, a força bruta, a ação e reação dos fatos

existentes. E a Terceiridade é a categoria da síntese, da generalidade, do pensamento, do conhecimento. É um processo interpretativo entre nós e os fenômenos (NERY e TEMER, 2009, p. 140 e 142).

Sendo assim o Interpretante Imediato (primeiridade) “consiste naquilo que o signo está apto a produzir numa mente interpretadora qualquer” (SANTAELLA, 1996, p. 60 apud TEMER e NERY, 2009, p. 149). O Interpretante Dinâmico (secundidade) “corresponde ao efeito direto realmente produzido pelo signo em um intérprete” e o Interpretante Final (terceiridade) “refere-se ao resultado interpretativo ao qual todo intérprete está destinado a chegar, se a investigação sobre o signo for levada suficientemente longe” (TEMER e NERY, 2009, p. 149). Assim o Interpretante Imediato de trono pode ser a cor, a forma, etc., a primeira interpretação que aparecer a mente; como Interpretante Dinâmico, trono aparece à mente como um tipo de cadeira, ele é real, ele existe; e como Interpretante Final, trono pode ser associado ao poder. O primeiro corresponde ao sentido, o segundo ao significado e o terceiro a significação (2009).

Primeiridade, Secundidade e Terceiridade são categorias existentes nas divisões triádicas de um signo propostas por Peirce. A primeira divisão diz respeito ao signo em relação a si mesmo, sendo Quali-signo, Sin-signo ou Legi-signo; a segunda divisão é estabelecida pela relação do signo com o objeto: Ícone, Índice ou Símbolo; e a terceira diz respeito ao signo em relação ao seu interpretante: Rema, Dicente ou Argumento.

Um Quali-signo é uma qualidade, uma possibilidade ou mesmo um sentimento. Por exemplo, criança branquela; um Sin-signo é um signo que é existente ou mesmo um acontecimento real ou uma sensação como, por exemplo, cadeira; e um Legi-signo é uma lei, uma ideia ou lógica estabelecida pelo ser humano, um exemplo são os sinais de trânsito.

Ícone refere-se à semelhança entre o signo e o seu objeto representando-o, por exemplo, os ícones do celular; Índice aponta que existe uma conexão entre o signo e o objeto. Por exemplo, a fumaça é um símbolo que indica a presença de fogo; um Símbolo é a abstração, a representação ou um hábito, um exemplo é o crucifixo como representação da morte ou mesmo a existência de Cristo.

Rema refere-se ao momento de indefinição do signo em relação ao seu interpretante, está relacionado por uma associação de ideias gerais e funciona como um signo de possibilidades. Substantivos comuns e metáforas são exemplos de Rema porque possuem ideia geral pela convenção de ideias. Por Dicente entendemos o interpretante que enseja afirmações com denotações como, por exemplo a afirmação “pode tropejar sem

chover” ou “nenhuma bola é quadrada” porque respeita a existência do objeto. E Argumento é um signo de raciocínio lógico, com certezas, e que sugere uma conclusão verdadeira como as letras de música, por exemplo.

Temer e Nery (TEMER e NERY, 2009, p. 159) explicam que além de os signos se relacionarem com seus objetos, eles se relacionam entre si e que são essas as relações que criam mensagens e formam códigos a partir dos quais é possível estabelecer um processo comunicativo. A comunicação é, assim (2009), um processo situado no nível pragmático de três níveis que definem as grandes divisões da semiótica, onde são estudados os signos em função do seu uso na vida real, incluindo os aspectos psicológicos e as consequências práticas (PEREIRA, 2001, p. 63 *apud* TEMER e NERY, 2009, p. 159).

Os três níveis são: nível sintático que estuda os signos em suas relações com outros signos, quando se refere às relações formais dos signos entre si; nível semântico que estuda os signos em suas relações com os objetos quando envolve as relações de significado entre signo e objeto; e nível pragmático que estuda os signos em suas relações com os intérpretes ou usuários. É o nível que implica as relações significantes com aquele que utiliza os signos. (TEMER e NERY, 2009, p. 159).

É, então, o centro do processo comunicativo desenvolvido pelo Zero Hora para os leitores que é analisado semioticamente. Ou seja, o material impresso – semioticamente falando, uma composição de signos e objetos –, será estudado através dessa ciência que permite uma leitura das entrelinhas, do implícito explicitado nas notícias.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

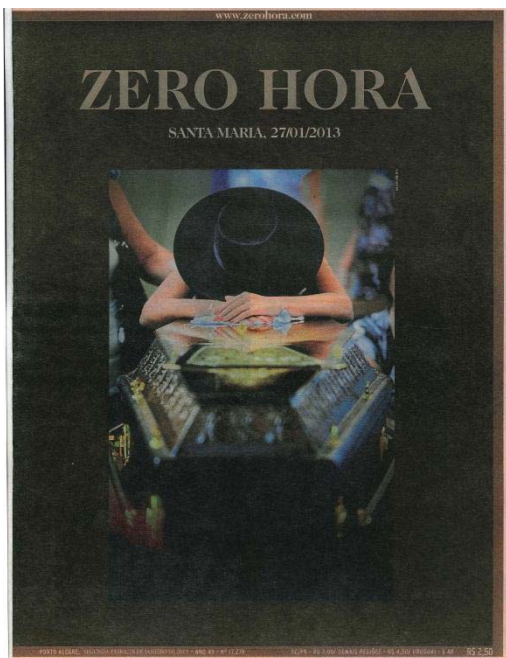
Leitura dos dois principais veículos impressos de comunicação do Rio Grande do Sul contextualiza o ocorrido que coloca a tragédia de Santa Maria como a segunda maior do Brasil, atrás apenas da tragédia do Gran Circo Norte-Americano em 1961 no Rio de Janeiro que vitimou 503 pessoas. O que aconteceu na boate do Rio Grande do Sul foi provocado por um sinalizador que somado a outras circunstâncias apontam a imprudência e as más condições de segurança como responsáveis por 240 mortes na primeira semana.

Em todos os formatos noticiosos a tragédia de Santa Maria ganhou destaque no fim de janeiro e no decorrer do ano com os desdobramentos dos fatos. A ação da mídia, explicação ao conceito de midiatização, ao transformar informações em produtos noticiosos com certeza influenciou na compreensão do ocorrido e formação de opinião a respeito dos acontecimentos.

Nas capas do Zero Hora fica clara a intenção de provocar catarses nos leitores, apresentar as causas do acidente e pré-julgar os culpados mesmo sem que a Justiça tenha dado a palavra final. Essa afirmação se confirma nas análises semióticas que seguem.

Como afirma Lúcia Santaella, a semiótica não é uma chave que abre milagrosamente as portas de processos de signos cuja teoria e prática são desconhecidas, ela traça linhas de diferentes aspectos através dos quais uma análise pode ser conduzida quando aliada a contextualização histórica e social de acontecimentos. A partir do raciocínio de Santaella aplicamos a ciência dos signos às capas do Zero Hora dos dias 28, 29, 30 e 31 de janeiro e 1º de fevereiro.

4.1. Análise capa Edição 28 de janeiro



Na edição do Zero Hora seguinte ao dia que amanheceu trágico em Santa Maria, edição nº 17.278 de 28 de janeiro de 2013, nada mais consta na capa que uma data e uma imagem. Capa “limpa”: sem poluição, porém de muitos significados, de inquietações e silêncio. Uma fotografia apenas sobreposta sobre um fundo preto que se repete também na contracapa.

A capa em análise, sobre o Paradigma Linguístico Semiótico, é signo da tragédia de Santa Maria. A tragédia ao ser midiaticizada pelo Zero Hora provoca efeitos na mente do leitor, são os interpretantes.

Para a sociedade, que na segunda-feira já estava informada do que aconteceu na madrugada do domingo, não foi preciso frases explicativas na capa do jornal que fizesse referência a acontecido. Apenas “Santa Maria, 27/01/2013” e a fotografia publicada foram suficientes para comunicar que aquela era a notícia, considerada pelo jornal, como a de maior importância na edição.

Mesmo quem não soubesse ler e tivesse acesso ao jornal entenderia a referência que a capa fazia por causa da fotografia publicada. A fotografia é de uma linguagem universal que representa, informa e produz sentidos. Roland Barthes em, *A câmara clara*, se

convence de que toda fotografia é representação de um fato ocorrido, desse modo, segundo ele, “o que a fotografia reproduz até o infinito só acontece uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p. 12). Já é possível observar que o veículo midiática a tragédia de Santa Maria dando total atenção e destaque.

Um Objeto Imediato é capaz de representar, indicar e sugerir, o que determina é a natureza do fundamento do signo, isto é, se este é uma qualidade, um existente ou uma lei. É visível aqui que o objeto imediato a que a capa se refere é a própria tragédia.

A capa, de um modo geral, encontra-se em Secundidade, pois nesta esfera estão signos que se referem à realidade, ao factual, a concreticidade. Mesmo em secundidade, elementos da Primeiridade e Terceiridade também são identificados.

Na esfera relacionada ao que é concreto, os índices. Os índices têm uma relação existencial com o objeto que representam. Segundo Santaella, um índice “indica uma outra coisa com a qual está factualmente ligado” (SANTAELLA, 1983, p. 66). São índices nesta capa a fotografia publicada e também a manchete, pois são representações de um acontecimento real. Trata-se de índices, e não ícones, pois é percebido como uma realidade existente e não simplesmente por representar pela similaridade ou possibilidade de ser. Signos, representados inicialmente e indicialmente, são capazes de produzir efeitos na mente de quem os observa, ao que chamamos de interpretante do signo.

A fotografia capa do ZH do dia 28 de janeiro reproduz o exato instante em que uma moça debruça-se sobre um caixão – isto é, portanto, o Interpretante Imediato da capa. Sobre a moça um braço feminino que sugere a possibilidade que estaria sendo consolada; em sua cabeça um chapéu e nas mãos um lenço. A moça está centralizada na parte superior da fotografia e em primeiro plano, na parte inferior, está o caixão. Não é possível saber se chora, mas os elementos que compõem o enquadramento feito pelo fotógrafo Lauro Alves comunicam o sentimento de dor emocional.

Para reforçar esse sentimento a cor e a luminosidade da imagem foram fundamentais. A fotografia revela um contraste entre o claro e o escuro e ressalta, assim, o assunto principal sobre os demais elementos da composição que se define como a moça debruçada sobre o caixão. Este representa a morte e orienta o percurso do olhar sobre a imagem já que aparece à frente desfocado e com pouca luz.

Um único signo pode ser submetido a várias classificações, assim é possível notar na fotografia elementos em Terceiridade, a outra esfera proposta por Charles Peirce. A fotografia será decodificada da mesma forma pela maioria dos leitores/interpretes que a

visualizarem, portanto, em relação a si mesma, pode ser entendida como um legi-signo. E em relação ao objeto que representa trata-se de um símbolo neste contexto porque seu significado, como propõe Santaella, é possível através da convenção cultural. Isto é: os elementos que compõe a fotografia estão inseridos culturalmente na vida das pessoas e proporcionam, assim, a rápida compreensão do que o veículo quer comunicar. Apesar disso, sua principal estratégia é a de referencialidade, sendo por isso um Sin-signo por retratar um acontecimento.

Outro elemento que consta na fotografia é o chapéu que a moça usa. Esse pode ser interpretado neste contexto como um Legi-signo da cultura sulina. O chapéu faz parte da indumentária gaúcha e, por isso, a escolha pela publicação dessa foto é inteligente porque Zero Hora, assim, comunica que é o Rio Grande do Sul que está em luto pelos mortos de Santa Maria.

Os elementos fotográficos somados as poucas informações textuais contidas na capa e o fundo preto, cuja cor remete ao luto, sendo este o Objeto Dinâmico, reforçam o sentimento de dor emocional pelas inúmeras mortes ocorridas por causa do valor simbólico que a capa e, principalmente a fotografia, possuem. A “capa limpa” e a imagem de 15,06cm por 24,01cm é proposital nesta mediação justamente para atrair a atenção e levar o leitor a desenvolver esse sentimento. Esse sentimento é o efeito que o processo semiótico gerou na mente do interprete ao colocá-lo diante de signos que representam a tragédia de Santa Maria. A isso Peirce dá o nome de Interpretante Dinâmico.

Com a interpretação desse processo comunicativo estabelecido pelo Zero Hora, fica evidente que a mediação desenvolvida, isto é, a maneira como o veículo age ao dedicar a capa inteira à tragédia é de dramatizar o acontecimento. A capa pôster é própria para provocar um impacto com o apelo que é essencialmente visual e influencia na decisão de ler, que segundo Deodoro Moreira (2013) depende dos atrativos que a compõe. Com a publicação da foto 361,59cm² fica visível o escancaramento do assunto principal que nas páginas internas é ainda mais dramatizado na composição textual – mas que não convém nesta análise.

Dessa forma pode-se dizer, através da análise semiótica empreendida, que a mediação deste fato em particular feita pelo jornal Zero Hora, conduziu seu leitor no sentido de fazê-lo sentir-se envolvido dramaticamente. Essa afirmação é possível porque a capa não apresenta elementos específicos sobre o incêndio na boate, mas o que é consequência e sequência do acidente: faz referência à morte e, assim, ao ritual fúnebre e a dor da perda de entes queridos. O leitor sente-se envolvido dramaticamente, pois a

fotografia e as cores da capa induzem-no a ser empático, uma vez que é apresentada uma moça curvada sobre um caixão.

4. 2. Análise capa Edição 29 de janeiro



Uma fotografia composta de elementos mais coloridos e mais informações textuais publicadas sobre o fundo branco, normal do papel jornal, compõe a capa do dia 29 de janeiro de 2013 (edição nº 17.279). Dois dias após a tragédia o Zero Hora faz referência à homenagem prestada às vítimas e aponta que falhas e erros banais foram as causas do que ocorreu em Santa Maria.

Nesta segunda capa, Zero Hora midiaticiza a tragédia com a utilização de signos nas três categorias propostas por Pierce e também estudadas pela semioticista Lúcia Santaella: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Em Primeiridade e Terceiridade são encontradas manchetes e em Secundidade a fotografia publicada.

Jacques Aumont (AUMONT, 1993) afirma que as imagens contêm informações visuais sobre o mundo inclusive em aspectos não visuais. Na imagem capa da edição não se visualiza nenhum corpo, nenhum morto, mesmo assim é forte a menção a eles pelos elementos fotografados o que comprova a afirmação de Aumont.

Na fotografia de 26,04cm por 19cm que é uma representação, como afirma Gui Debord (1997), de homenagens aos mortos se percebe alguns elementos carregados de expressividade humana. Lauro Alves registrou a colocação de flores e mensagens na calçada em frente à boate Kiss. Traçando uma linha na diagonal (do canto superior direito

ao canto inferior esquerdo) constata-se situações opostas em um mesmo ambiente: de um lado a destruição – com a fachada da boate deteriorada – e de outro a vida e própria fragilidade dela presente nas flores e na mulher que as deposita.

O espectador quando se depara com a fotografia dirige o olhar para essa mulher, cujo rosto não é possível ver, mesmo enquadrada com parte do corpo fora de campo. Os cabelos bagunçados com o vento, o corpo curvado e a mão tensa no instante em que flores são depositadas no chão transmitem a sensação de movimento na imagem fixa e captam de imediato o olhar. O olhar do espectador percorre em primeiro plano pelas flores e chega ao canto superior esquerdo onde se lê “Kiss”. Um raciocínio simples se desenvolve aqui: familiares e amigos lembram e demonstram carinho por pessoas que morreram num local de festas. Centralizada na parte superior da fotografia está uma imagem de formatura. A imagem ilustra a fachada e reforça esse raciocínio, pois em lado oposto novamente as flores que acrescentam ao pensamento de que muitos dos estudantes que se divertiam agora são presença na lembrança. É forte, assim, a relação de dubiedade presente no registro fotográfico.

Embora a fotografia seja um Índice por estabelecer uma conexão com a realidade que representa, também contém elementos que são Sin-signo porque além de ser um signo existente de um acontecimento real também provoca sensações como a de movimento pela forma e instante em que a mulher foi enquadrada. Por outro lado também tem elementos do âmbito da Primeiridade quando é Quali-signo por estar sujeita a causar sentimentos. Em Terceiridade localizam-se símbolos como as flores que representam o hábito de presentear os mortos.

A fotografia publicada dramatiza o acontecimento, pois os elementos que a compõem repetem a mesma informação, a de ausência e morte. Essa repetição, conforme Silva (2013), é característica da arte dramática tornando-se um espetáculo e sendo responsável por produzir efeitos no público espectador entre eles o de angústia o que caracteriza-se como Interpretante Dinâmico no interprete.

Enquanto na capa o dia anterior o luto pelos mortos era presença forte, nesta o preto do fundo dá lugar ao branco porque se volta ao evento pós-tragédia. Na primeira a tragédia e os detalhes, exclusivamente, e nesta segunda as causas, as investigações, as homenagens e os riscos de sobreviventes são midiaticizados pelo jornal. O Zero Hora vem mantendo a midiaticização do fato ocorrido em Santa Maria da mesma forma como o fez no dia anterior, ou seja, “carrega nas tintas” o drama como intenção persuasiva de capturar leitores,

sensibilizá-los e formar opinião a partir de um ponto de vista imposto. Assim sendo, o Objeto Imediato da capa é apontado como sendo a referência que faz às causas da tragédia.

Está evidente na capa que a principal matéria da edição trata das causas do acidente. Isso se constata pelo título em destaque (“Falhas e erros banais causaram tragédia”) e pela linha de apoio acrescida a ele (“Especialistas em segurança afirmam que boate de Santa Maria onde morreram pelo menos 230 jovens não poderia funcionar em qualquer lugar do mundo, por não ter pelo menos duas saídas, rotas de fuga, alarme, iluminação e sinalização de emergência”), elemento que não consta nas outras quatro chamadas.

Essa que é a chamada principal da capa foi construída em Terceiridade, pois a forma com que os elementos textuais foram combinados apontam para um resultado interpretativo ao qual os leitores estão destinados a chegar. Os signos textuais em relação ao seu interpretante são caracterizados como argumento porque sugerem uma conclusão verdadeira das afirmações, uma vez que chamada e linha de apoio são bem impositivas não deixando margens para um nível de possibilidades.

Fica implícito o posicionamento do jornal na combinação das informações do título com as da linha de apoio. No título o Zero Hora chama de banal o que, na linha de apoio, é apontado por especialistas. A falta de mais saídas na boate, de rotas de fuga, alarme, iluminação e sinalização de emergência, exigências técnicas para o funcionamento de estabelecimentos públicos, são apontadas como sendo as falhas e erros banais que causaram a tragédia.

A primeira das outras quatro chamadas na capa sugere-nos uma relação com a chamada da matéria principal. A chamada “Prefeitura e bombeiros não mostram documentos” é classificada pelo ZH, em cartola publicada, como uma falta de transparência. As informações publicadas na capa das duas matérias, antes mesmo das investigações, levantam a possibilidade de que figuras públicas teriam “culpa no cartório”, já que estariam se negando a mostrar documentos insinuando que estes estão relacionados com as falhas e erros classificados como banais na chamada em destaque na capa. Como levanta possibilidades, a chamada é um quali-signo enquanto que sua cartola um legi-signo por tratar-se de uma ideia estabelecida.

Nas outras três chamadas o veículo mostra-se mais imparcial. A terceira, “A investigação Polícia prende sócios e músicos da banda” apresenta um dos desdobramentos pós-tragédia sem fazer julgamentos; é elaborada no nível da Secundidade sendo um sin-signo por descrever um acontecimento. A quarta chamada “Uma homenagem Pâmela foi

ao velório do desconhecido que a salvou” é sutilmente dramática porque utilizar o nome de uma das estudantes sobreviventes, o que não é comum, a não ser de autoridades e pessoas muito conhecidas pela sociedade; trata-se, também, de um sin-signo. E a quinta chamada de capa, “Mal silencioso A doença que pode atingir os sobreviventes”, é outro desdobramento da tragédia, esta se volta para problemas de saúde que quem sobreviveu pode enfrentar. Essa chamada é um quali-signo por apresentar uma possibilidade.

Percebe-se que das cinco chamadas presentes na capa, três delas são caracterizadas de um teor mais judicial que as outras duas. É possível constatar que as três primeiras voltam-se mais aos mortos, uma vez que com o ocorrido várias pessoas morreram e principalmente por isso se busca respostas, e as outras duas para os sobreviventes. Essas representações signicas são tidas como os Interpretantes Imediatos, pois os signos textuais representam acontecimentos noticiosos.

De modo geral o veículo midiatiza na capa, isto é, age, deixando implícito seu Objeto Dinâmico de que a responsabilidade pelo acidente que, até o fechamento da edição teria matado 230 jovens, é de organizações públicas e até que isso de fato seja confirmado ou não pelas investigações os sobreviventes prestam homenagens e tem a saúde ameaça.

4. 3. Análise capa Edição 30 de janeiro



A edição número 17.280 de 30 de janeiro de 2013 é apresentada com uma capa cinza, cinco chamadas para matérias internas – uma delas em destaque –, e uma fotografia. Os elementos se relacionam entre si, todos se referem, novamente, ao que aconteceu na madrugada de domingo em Santa Maria só que desta vez Zero Hora parece questionar o silêncio quanto às culpas não assumidas e coloca frente a frente duas organizações que se atacam.

Enquanto nos dois primeiros jornais da semana a midiaticização desenvolvida, ou seja, o agir da mídia ao noticiar o assunto, foi muito mais de dramatização do que de um relato “imparcial”, nesta edição o eixo da midiaticização desenvolvido é de ataque, é mais crítico.

Três elementos distribuídos em uma linha vertical centralizada na capa comunicam a crítica e a cobrança do veículo sobre os bombeiros e a prefeitura de Santa Maria São eles: “Tragédia em Santa Maria”, na parte superior, “Jogo de empurra”, centralizado, e a fotografia onde se lê “Justiça” na parte inferior da capa. Em paralelo, na parte superior direita e esquerda, é publicado o que os órgãos criticados teriam dito com relação ao

ocorrido o que equilibra esteticamente com os outros elementos e reforça a cobrança do jornal.

O primeiro, “Tragédia em Santa Maria” que impacta pela utilização da palavra tragédia é escrito sobre uma tarja preta que reforça a ideia de luto, de trágico. Este título trata-se, em semiótica, de um símbolo por ter se tornado padrão: um chamamento estabelecido e compreendido pelo leitor que as chamadas agrupadas a esse título referem-se à tragédia e seus desdobramentos.

Mesmo que não estivesse destacado o veículo teria público garantido para adquirir o jornal e conferir as matérias. Essa certeza se dá pela afirmação e Jorge Pedro Sousa (SOUSA, 2013 a, p. 36) que diz que a atenção das pessoas recai sobre a política, conflitos, descobertas, invenções, tragédias, fenômenos insólitos, temas que antigamente também atraíam a atenção das pessoas.

Mas Zero Hora não quer só garantir a atenção dos leitores que tem como também induzi-los a fazer a mesma crítica. A midiaticização que faz ao agir dessa forma sugere que por trás há informações negadas ao veículo pelo fato de atacar bombeiros e prefeitura colocando-os frente a frente com chamadas que, embora sejam Objetos Imediatos e índices característicos da Secundidade, possuem um sentido pejorativo que induz uma interpretação no nível da Terceiridade. A Terceiridade é a esfera em que todo o intérprete está destinado a chegar se levar a diante o raciocínio que se propôs.

De um lado Zero Hora publica: “Bombeiros dizem que...” “...população deveria ter cuidado com o lugar que frequenta” “...é uma covardia a prefeitura tentar culpar os bombeiros”. E do outro lado publica: “Prefeitura diz que...” “...fez sua parte em relação ao funcionamento da casa” “...prevenção de incêndio é responsabilidade dos bombeiros”. Isso ZH publica em matéria que a caracteriza – e assim é destacada em chamada centralizada na capa – como “Jogo de empurra” e utiliza uma linha de apoio explicativa: “Mais de 72 horas depois do maior desastre da história do Rio Grande do Sul, prefeitura de Santa Maria e oficial do Corpo de Bombeiros trocam acusações sobre responsabilidades pelo funcionamento da boate Kiss.”.

De fato, parece que os órgãos que trocam acusações tentam se defender. Zero Hora é estratégico ao publicar as informações de ataque porque assim consegue com que a população faça o mesmo jogo de colocar as organizações frente a frente e apoiar o veículo que critica. Zero Hora é ainda mais estratégico quando publica que “...população deveria ter cuidado com o lugar que frequenta” porque assim consegue apoio para os

questionamentos às organizações. A manifestação favorável do leitor para com as afirmações do veículo é entendida como o Interpretante Imediato da capa.

Mesmo com as manifestações sobre as responsabilidades pelo funcionamento e o próprio incêndio na boate Kiss parece pairar um silêncio direcionado à sociedade. Várias são as acusações entre as organizações e os envolvidos com a casa noturna e o incêndio, mas a capa da quarta-feira é, ainda assim, de silêncio porque a sociedade ainda não tem respostas credíveis, em meio às acusações trocadas, sobre o acontecido e os responsáveis pelo que ocorreu.

Essa sensação de silêncio expressa na capa tem reforço na cor de fundo: cinza. As cores produzem sensações – desenvolvem, portanto, o Interpretante Dinâmico na mente do interprete leitor. Coincidência ou intencionalidade, a cor cinza em semiótica expressa o silêncio. Essa cor e esse silêncio tem continuidade na fotografia que consta na capa. De uma tonalidade de cinza quase idêntica a de toda a capa, a imagem de 12,07cm por 19,04cm, novamente de Lauro Alves, também tem elementos que comunicam isso.

Fotografar é uma técnica de registro de imagens que Roland Barthes (1984) divide em três partes: o operador – que faz a imagem –, espectador – aquele que olha – e spectrum – a história. Quando o observador se depara com uma imagem tem a possibilidade de construir uma mentalidade examinando o registro captado pelo fotógrafo.

escolha do Zero Hora em publicar a imagem foi bem pensada, pois o fotógrafo enquadrou somente a cabeça de estudantes, que protestavam em frente à delegacia que investigava o incêndio, sem que uma boca estivesse se mexendo. Dois deles, inclusive, olham para cima. Em um plano um pouco superior a eles lê-se “Justiça” em um cartaz; o estudante centralizado na imagem, além de quieto e estar olhando para cima, ainda ergue o braço e aponta o dedo. Essa combinação que o veículo faz é perfeita porque acima da imagem, na direção em que o estudante aponta, está a chamada para a matéria interna sobre as acusações trocadas entre prefeitura e bombeiros, chamada intitulada de “Jogo de empurra”. E, além disso, pode ser interpretado, ainda, que acima das acusações e da justiça terrena, está a Justiça Divina, pois é como se o dedo apontado para cima sugerisse a afirmação popular “Deus está vendo...”. A fotografia, portanto, embora possa ser classificada como Índice, combina elementos entendidos como um Argumento da Terceiridade.

Dessa forma a midiatização que o veículo faz do acontecimento é o de colocar, implicitamente, opinião sobre o acontecimento contemplado pelas pessoas para que

também cobrem as responsabilidades pelo acidente sendo este o Objeto Dinâmico da edição expresso na capa.

4. 4. Análise capa Edição 31 de janeiro



Edição de número 17.281 é a primeira, em quatro dias, a apresentar uma capa com assuntos diversos que não somente a tragédia ocorrida na boate Kiss. Sobre a tragédia, Zero Hora dedicou meia capa com uma fotografia e cinco chamadas. A outra meia capa é composta de chamadas da editoria de Esportes, Política e Polícia.

Mesmo não sendo assunto de capa inteira, a segunda maior tragédia registrada na história do Brasil é ainda a que mais tem destaque na edição da quinta-feira, pois ocupa a primeira metade da capa possui a chamada diagramada em tamanho maior que todas as outras. Ao captar tais informações o leitor desenvolve o Interpretante Imediato com essa identificação.

A cor preta, mais uma vez, é utilizada para referir-se a essa pauta. Em 262,22cm² o preto é plano de fundo para uma foto publicada e uma chamada com linha de apoio que faz referência a imagem. “Os personagens de uma foto dramática”, sem que precisasse utilizar chapéu ou mesmo mencionar a tragédia, Zero Hora comunica que nas páginas internas o assunto a ser desenvolvido é sobre pessoas que ao auxiliar no socorro às vítimas foram capturadas por um olhar fotográfico. Esse é o Objeto Imediato.

Esse olhar é de Germano Rorato que apertou o botão disparador de sua câmera fotográfica no exato momento em que uma pessoa corria com um estudante desmaiado no colo, em torno deles mais pessoas correm e ao fundo é possível visualizar carros de bombeiros e mais pessoas em frente à boate.

Roland Barthes (1984) afirma que a uma fotografia registra tudo aquilo que aconteceu fazendo do momento passado uma realidade no momento presente, sobrepondo-se ao poder da representação em que não é possível acrescentar nada a ela. Para Barthes a fotografia também é violenta porque nada pode recusar-se ou transformar-se. A imagem apresentada na capa é, por isso, chocante por que é crua, assim como denomina Barthes ao falar de fotografia.

Zero Hora faz uma análise de seu próprio corpus ao publicar a fotografia, que também foi contracapa no dia 28 de janeiro. A imagem é um Ícone, pois sugere a representação dos apuros do momento e a ação humana impulsiva. Mesmo com viaturas do Corpo de Bombeiros em frente à boate, um homem corre com um estudante nos braços. Isso, na esfera da Primeiridade, nos sugere que possivelmente as viaturas já estavam lotadas e, leva-nos a concluir que, no impulso, o estudante é carregado para o socorro. A imagem choca porque o olhar é direcionado de imediato para este ponto da fotografia, já que o fotógrafo o centralizou e em torno enquadrando outras pessoas correndo provavelmente em função desse estudante e desse homem; no ângulo registrado também está um casal que olha para a cena. A imagem é crua e choca por mostrar o desespero humano.

É sobre as pessoas fotografadas que a matéria trata e quanto a isso a linha de apoio é clara: “ZH conta quem são as pessoas que aparecem na imagem que correu o mundo logo após o incêndio em Santa Maria”. É clara aqui a dramatização feita, pois a fotografia é diagramada um pouco inclinada para chamar a atenção de quem vê a capa, a utilização das palavras *personagens* e *dramática*, além da própria imagem, também sensibilizam o leitor e fazem com que a pauta seja capaz de provocar catarses.

Nas outras chamadas sobre a tragédia, Zero Hora bate na tecla das investigações e do número de mortos. À primeira delas (“Empresa de bombeiro executou obra contra incêndio em boate”) é feito um ataque, pois a forma como o enunciado é apresentado sugere o que também foi apontado na capa do dia anterior, de que figuras de organizações públicas estão entre as responsáveis pelo funcionamento da boate. Zero Hora faz questão de mencionar *bombeiro* para chamar ainda mais a atenção de quem lê.

Com a linha de apoio (“Hidramix, que pertence aos PMs Roberto Flavio da Silveira e Jairo Bittencourt, atualizou sistema de prevenção e instalou barra antipânico da porta da Kiss. Polícia investiga se empresa participou da elaboração de plano.”) o veículo também provoca catarse no leitor porque aponta que profissionais estiveram envolvidos com o que é regra para o funcionamento de locais públicos.

A clara intenção de Zero Hora ao midiaticizar o fato desta forma, é de induzir o leitor, com o Objeto Dinâmico que desenvolve, a pensar que os profissionais foram incompetentes, já que se tratando de bombeiros e, portanto, sabedores de normas e legislações, tinham a obrigação de desenvolver um trabalho correto. A indignação parece ser um sentimento provocado no leitor, já que a linha de apoio é finalizada com a informação de que a investigação policial irá apontar se a empresa dos bombeiros também está envolvida na elaboração do plano contra incêndio. Essa afirmação é ainda mais poderosa porque faz o leitor aumentar esse sentimento e pensar que a falta de responsabilidade é maior do que inicialmente imaginado, sendo este o Interpretante Dinâmico que o leitor está apto a desenvolver em sua mente.

Chamada e linha de apoio, signos relacionados a si mesmo, são sin-signo, pois são descritivos. São índice porque apontam uma conexão com o objeto que representam. Em relação do interpretante são um dicente porque ensinam afirmações com denotações.

Abaixo das duas matérias mais destacadas na capa, três chamadas. Uma parece resposta as críticas e cobranças do jornal: “Schirmer: ‘A prefeitura não tem nenhuma responsabilidade’”. Schirmer é o prefeito de Santa Maria. Novamente Zero Hora utiliza nome próprio em título, algo pouco frequente em redações jornalísticas. Nota-se que o texto é uma defesa do prefeito não havendo intermediações do veículo, apenas a identificação do autor da fala.

A segunda chamada aponta que entre os mortos havia 174 pessoas entre os 18 e 26 anos de idade, eram jovens e por isso também sensibiliza quem lê.

A outra chamada, “Liminares mantêm abertas cinco casas noturnas em Porto Alegre”, já é outro desdobramento que ocorre após a tragédia. Esse enunciado aponta que os veículos de comunicação são hoje um palco de debates, pois são eles que trazem para o centro de discussões questões latente na sociedade que consideram importantes de serem debatidas, é o que ocorre aqui. A chamada sugere-nos que em função do acidente na madrugada de domingo, a Justiça apertou o cerco em torno do funcionamento de casas noturnas. O que deveria ser uma cobrança de órgãos responsáveis é pressionado pelos veículos de comunicação que assim mostram sua força como Quarto Poder que são.

A outra meia capa, com chamadas de Esportes, Política e Polícia, não é tratada aqui, pois a pesquisa se propõe apenas a analisar como a tragédia de Santa Maria foi midiaticizada nas capas do Zero Hora.

4. 5. Análise capa Edição 1º de fevereiro



Zero Hora impressa, edição 17.282, da sexta-feira 1º de fevereiro de 2013 direciona meia capa aos desdobramentos da tragédia de Santa Maria, assim como fez na edição anterior. Nesta novamente o destaque das pautas na metade superior da capa. Em primeiro plano chamada para matéria publicada no caderno destinado ao público jovem, abaixo e em fonte de tamanho maior chamada relacionada à investigação e com destaque inferior está a chamada para os resultados da perícia.

Kzuka é um caderno do Zero Hora especialmente desenvolvido para o leitor jovem, com assuntos de seu interesse e que acometem em sua maioria estudantes. No primeiro caderno depois da tragédia o veículo não poderia deixar de tratar de pautas relacionadas a ela já que jovens estudantes eram quase a totalidade dos mortos e feridos do acidente. Zero Hora entra em contato com jovens conhecidos dos mortos de Santa Maria e mais uma vez faz o uso de elementos que tornam a pauta mais atraente.

Título, linha de apoio e imagem ilustrativa fazem uma única referência: a ausência dos jovens que frequentaram a Kiss pela última vez. A imagem encontra-se em Secundidade, pois, sendo referencialidade, indica uma conexão entre o signo e o objeto que representa. É de um banco, com um pedaço de céu ao fundo, posto ao sol e que produz sombra para o lado onde a chamada é publicada. “Os vazio que a tragédia deixou” é a chamada com “Nos bancos, nos bares, nos quartos. Jovens falam sobre a saudade dos

amigos mortos no incêndio da Kiss” como linha de apoio. As informações textuais são classificadas como um Argumento e como um Sin-signo. Argumento é a chamada por possui um tom impositivo e, portanto, de certeza; enquadrados à Sin-signo a linha de apoio, pois se trata de um acontecimento os jovens falarem sobre a saudade dos amigos mortos.

Os atrativos desse destaque na capa são elementos que podemos considerar da arte dramática. É possível constatar que o banco vazio refere-se a quem está morto, à ausência, remete ao céu já que também tem nuvens ilustrativas. Isso é dramático porque mexe com o sentimento do leitor que inconscientemente vai associar os elementos a uma dimensão de vida após a morte, independente da religião, pois esses aspectos estão inseridos na cultura. Para complementar essa ideia comunicativa o texto faz o reforço com a utilização das palavras *vazios*, *saudade* e *amigos*.

A segunda das três chamadas é uma continuidade da pauta já explorada durante a semana: “Polícia Civil investiga empresa de bombeiro”. Nesta capa fica claro que o veículo insiste na discussão em torno do envolvimento de bombeiros no plano contra incêndio da boate. Na linha de apoio (“Delegados tomam depoimento de uma das sócias da Hidramix, que executou obra prevista no plano contra incêndio da boate Kiss. MP analisa se houve favorecimento.”) há o reforço do que também já parece ter sido intenção em capas anteriores: a de levantar a hipótese de que o acidente aconteceu por irresponsabilidade de quem deveria cumprir regras e, pior ainda, por favorecimento.

E na sequência a terceira chamada (“Perícia conclui que espuma inapropriada causou as mortes”), publicada com uma imagem em plano detalhe de um policial segurando um pedaço de espuma, apresenta-se como resultado de uma possível sucessão de erros. Mesmo as informações publicadas, em sua maioria, na esfera da Secundidade, quando relacionados os signos aos objetos que representam, enquadram-se à Terceiridade, são argumentos, pois fica implícito uma conclusão verdadeira do pensamento lógico do leitor: pessoas que deveriam cumprir regras falharam, inclusive permitindo a utilização de material impróprio para o ambiente, por isso tantas mortes.

Identifica-se nessa capa o Interpretante Imediato como sendo as próprias manchetes publicadas; o Interpretante Dinâmico o desenvolvimento de sentimentos pela utilização de elementos da arte dramática. Os objetos, Imediato e Dinâmico, referem-se tanto as simples informações do relato jornalístico como também o de induzir o interprete a conclusão de que falhas ocorreram quase que propositalmente.

Ao somar os elementos que essa meia capa apresenta percebe-se que são menos dramáticos que em capas anteriores, mas nem por isso as catarses provocadas deixam de existir.

No restante da capa destaque para o Esporte, Economia e Política.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Configura-se em uma realidade seletiva a prática jornalística de produção de notícias. Essa constatação é dada pelo fato de que as informações noticiosas quando transformadas em mercadoria de um veículo de comunicação, partem de um pressuposto de seleção sobre aspectos que interessam ao veículo e, claro, sobre a perspectiva do jornalista que é testemunha e relator dos fatos que mediatiza. Ao identificar um acontecimento, o jornalista, de imediato, já atribui importância ou não a partir de uma classificação de valores.

No caso deste objeto de estudo foram identificados quatro principais valores de noticiabilidade que classificaram a tragédia de Santa Maria como a mais importante de ser informada à sociedade pelo destaque em capas do jornal. O impacto, a raridade, a proximidade e o evento trágico ou dramático são valores que predominam no acontecimento mediatizado.

O que aconteceu na madrugada do domingo 27 de janeiro no centro do estado gaúcho é considerado impactante pelo número de pessoas envolvidas no fato e também afetadas por ele – mais de 200 só de mortos. É um acontecimento raro, uma vez que nesta proporção trágica é o segundo maior da história brasileira. Tamanho destaque dado nas páginas do impresso também é atribuído à proximidade, no caso geográfica, pois o jornal é gaúcho assim como também é a cidade de Santa Maria. E é claro que se tratando de uma tragédia o público leitor já poderia esperar publicações midiáticas porque, como afirma Jorge Pedro Sousa (SOUSA, 2013 a, p. 36), os eventos trágicos atraem a atenção das pessoas desde a antiguidade.

Seria ingenuidade não pensar na audiência que os veículos teriam com a pauta. É por isso que se afirma que as notícias são informações mercadológicas com apelos atrativos ao público. Fabiane Moreira (2013) diz que jornalismo trabalha com efeitos para envolver os enunciatários, assim os acontecimentos são realidades construídas muito mais do que retratadas.

O que caracteriza uma notícia como sendo a retratação, a espetacularização ou sensacionalismo é a forma como os veículos agem ao divulgar os acontecimentos. Quando a mídia apropria-se de uma temática da sociedade e a constrói seletivamente, introduz a própria intenção mesmo que esta não esteja escancaradamente estampada. A mediatização desenvolvida pelo jornal Zero Hora nas capas analisadas revela, através de uma análise

semiótica, a produção de espetáculos com intenções persuasivas que estão além da simples prática narrativa.

Todas as capas remetem a um único objeto: a tragédia de Santa Maria. Essa é uma primeira constatação a partir da análise empreendida. Percebe-se que há nas capas ênfase em apontar causas e culpados pelo acidente. As entrelinhas dessa midiatização desenvolvida subentendem um objeto diferente do senso comum.

As capas estão detidas em Secundidade, pois se tratam, de um modo geral, de uma narrativa, apresentam dados concretos, embora alguns elementos se encontram em Primeiridade e Terceiridade. Em Primeiridade quando são apenas possibilidades ou causam sentimentos e Terceiridade quando apresentam o caráter de lei. Na primeira esfera de Peirce referem-se ao sentido, na segunda ao significado e na terceira à significação.

Identificados os elementos na análise de cada capa, a Ciência dos Signos direcionamos aos objetos e interpretantes da notícia midiatizada de 28 de janeiro a 1º de fevereiro. Fica evidente que o Objeto Imediato das cinco capas é a tragédia de Santa Maria e seus desdobramentos. Implícito nas publicações está o Objeto Dinâmico que se apresenta como o ataque a pessoas e organizações públicas.

As análises de cada capa apresentaram como as informações foram apreendidas pela mente dos leitores do ZH, mas para que fique claro são retomados aqui os interpretantes dos objetos desenvolvidos.

O Interpretante Imediato, como o conceito enuncia, é tudo aquilo que o signo está apto a desenvolver quando captado pela mente; são todas as reações desenvolvidas a partir do momento em que a informação é captada. Desse modo, esse interpretante está na esfera da Primeiridade e, portanto, todas as qualidades, possibilidade relacionadas à percepção da tragédia fazem-no parte.

Se o primeiro refere-se às reações, o segundo, isto é, o Interpretante Dinâmico corresponde ao efeito produzido pelos signos. Assim, como está na esfera da Secundidade, o sentimento de dor, de angústia ou mesmo de revolta que as informações contidas na capa podem provocar, caracterizam-se como sendo um efeito desenvolvido na mente do interprete/leitor.

No nível da Terceiridade encontra-se o resultado interpretativo ao qual todo o interprete está destinado a chegar, o Interpretante Final. Este interpretante é atingido a partir do que é captado e relacionado a outras coisas, assim é possível afirmar que a midiatização atribuída à tragédia de Santa Maria nas capas do impresso Zero Hora foi espetacularizada de tal modo que os interpretes, ou leitores, pudessem perceber a

informação, sensibilizar-se com ela e tomar um partido possivelmente desejado pelo veículo. Fica clara a intenção de fazer os leitores atacar, ou mesmo criticar, e desconfiar das organizações e pessoas envolvidas com o funcionamento da casa noturna induzindo-os a pensar que essas teriam “culpa no cartório”, ou seja: o veículo induz o leitor a pensar que tamanha tragédia aconteceu por irresponsabilidade e negligência do poder público. O que não pode ser considerada uma prática incorreta, uma vez que uma das funções do jornalismo, além de informar sobre os fatos, é a de formar opinião.

O veículo age de forma a se caracterizar como um palco porque traz para o debate questões que estão além da retratação dos fatos, coloca para a discussão a responsabilidade pelo funcionamento de locais públicos e os critérios como o plano contra incêndio. Assim determina o que deve ser discutido na sociedade e cobrado da Justiça porque através dos elementos que utiliza tem o público como aliado.

Nas capas do Zero Hora a notícia aparece espetacularizada, pois, como define Debord (1997), “funciona como um modo de atração”. A notícia atrai pelas imagens em destaque, pelas cores utilizadas e pela forma com que o texto foi construído. Como o modo de produção econômico vivido no Brasil é o capitalista, pode-se deduzir que o Zero Hora utilizou de tais elementos para disputar a atenção do público em meio à concorrência de outros veículos e das informações que circulam na própria sociedade.

O espetacular da notícia midiaticizada também aparece no fato de que as informações foram repetidas no decorrer das cinco capas analisadas. É possível perceber que elementos da arte dramática como a repetição de cores, a construção de um texto que induz o leitor a desenvolver sentimentos estão presentes em todas as capas e em algumas delas mais que uma vez. Importante ressaltar que a repetição de informações com a intenção de fazer o leitor/interprete/receptor atingir o Interpretante Final pretendido pelo Zero Hora não se configura como uma prática sensacionalista, pois as capas não apresentam a exploração do interesse humano, a simplificação ou banalização – características apontadas por Franciscato (AMARAL, 2006, p. 21 apud FRANCISCATO; GÓES, 2012, p. 3).

A conclusão a que se chega com o desenvolvimento dessa pesquisa é a de que a tragédia de Santa Maria foi midiaticizada de modo que aos consumidores de notícia foi representada – e não apresentada – dramaticamente possivelmente com a intenção não só de informar, mas de formar um posicionamento semelhante ao do veículo presente implicitamente nas publicações. Pode-se dizer, assim que a mídia configura-se como uma instituição que difunde e influencia campos e instituições de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cosma Ribeiro de; MORAIS, Fabiano Ferreira de; ROCHA, Epitácio Germano Araújo. *Jornalismo Espetáculo ou o espetáculo no jornalismo: o caso da notícia política na Paraíba* Disponível em: < <http://coopex.fiponline.com.br/images/arquivos/documentos/1321624854.pdf> > Acesso em 2 abril. 2013.

AUMONT, Jacques; Tradução: ABREU, Estela dos Santos; SANTORO, Cláudio C. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto, *Mídia e poder na sociedade do espetáculo*. Documento disponível em < <http://revistacult.uol.com.br/home/2011/02/midia-e-poder-na-sociedade-do-espetaculo/> > Acessado em 23 de março de 2013.

CORBARI, Marcos; CASALI, Caroline: *Entre a política e o espetáculo: a construção midiática de Manuela D'Ávila como Musa da Câmara*. CESNORS/UFMS, 2007

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Alexandre Silva. *A midiatização como variável determinante da política contemporânea*. 2013. Documento disponível em: < http://intranet.viannajr.edu.br/revista/eco/doc/artigo_90004.pdf > Acesso em: 29 agosto 2013.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica*. Salvador. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, José Cristian. *Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo*. Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Documento disponível em: < <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/6564/pdf> > Acesso em: Outubro 2013.

GOMES, Pedro Gilberto. *A midiatização, um processo social*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (Org.). *Discurso e Mídia: a Cultura do Espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

HJARVARD, Stig. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. 2013. Documento disponível em: <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/338/pdf> Acesso em: 26 abril 2013.

KLEIN, Otavio José. *A notícia em rede: processos e práticas e produção da notícia em rede regional de televisão*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

MOREIRA, Deodoro. *11 de setembro de 2001: Construção de uma Catástrofe nas Primeiras Páginas de Jornais Impressos*. 2013. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/moreira-deodoro-11-setembro.html>> Acesso em: 04 abril 2013.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. *Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo e O Globo*. 2006. Documento disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf?sequence=1>> Acesso em 04 de abril 2013 a.

SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 2. reimpr. da 1. Ed. de 2000.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Thomson, 2005. 2. reimpr. da 1. Ed. de 2002.

SILVA, Ana Regina Teixeira. *Cotidiano e telejornalismo: A representação dos acontecimentos entre o sublime e o trágico*. Documento disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgc/smartgc/uploads/arquivos/2df1ce97f620100303070957.pdf>> Acesso em 29 agosto 2013.

SOUSA, Diógenes Lycarião Barreto de. *O uso do ciberespaço pela sociedade civil e a hipótese de superação da teatralização de assuntos políticos*. Documento disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2010/11/Sousa_2006.pdf> Acesso 29 agosto 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Documento disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> > Acesso em 03 abril 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos do jornalismo impresso*. Porto, 2001. Documento disponível em: < <http://chile.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> > Acesso em 03 abril 2013 a.

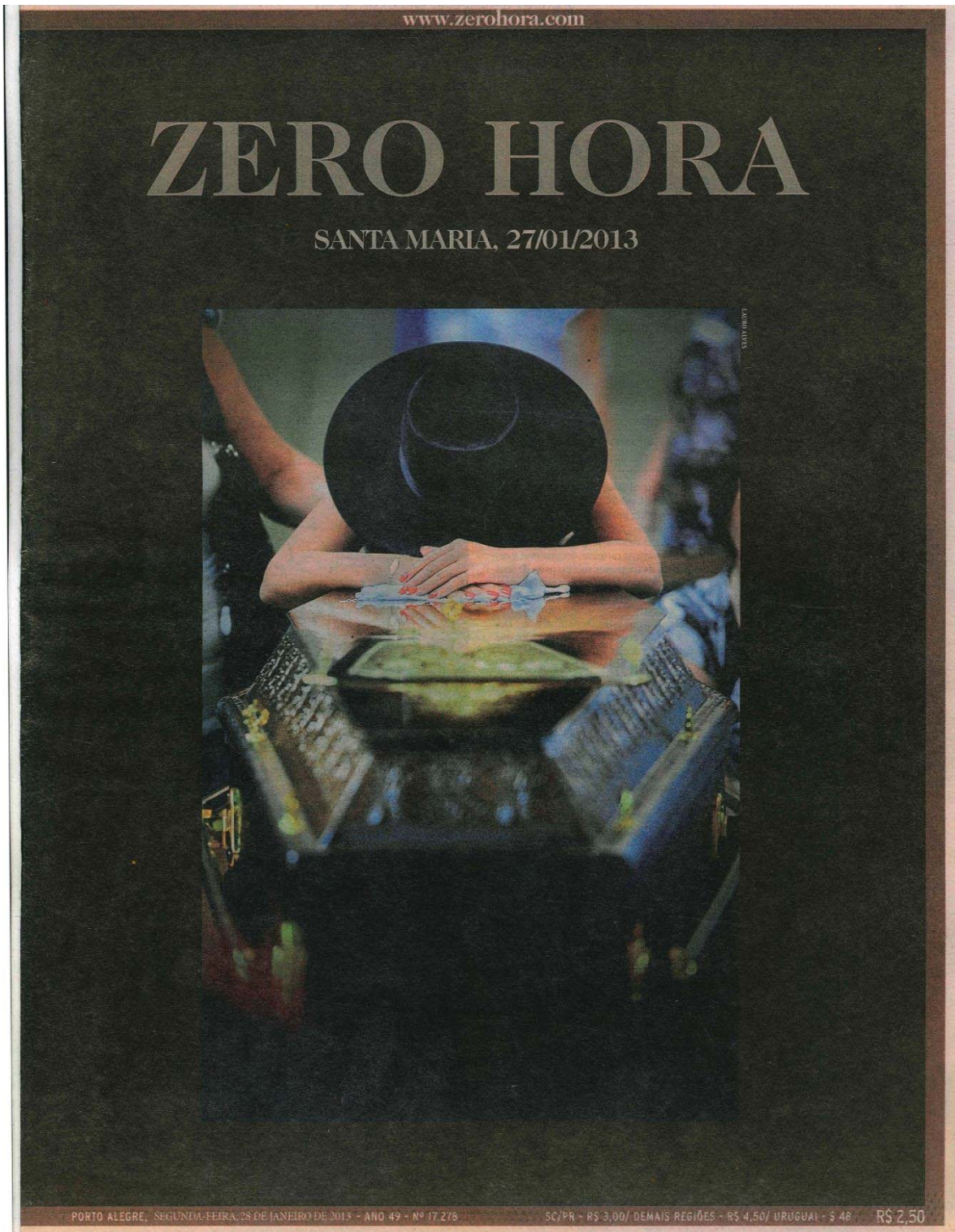
SOUZA, Daniela Maria Pereira. *Estratégias de teatralização no programa de rádio Sociedade Contra o Crime*. Documento disponível em: < http://www.facasper.com.br/rep_arquivos/2013/07/02/1372794684.pdf > Acesso em 29 agosto 2013.

TEMER, Ana Carolina Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. *Para entender as Teorias da Comunicação*. Uberlândia: EDUFU, 2009. 2ª ed.

ANEXOS

ANEXO 1

Capa jornal Zero Hora edição de 28 de janeiro de 2013 – ano 49 – Nº 17.278



ANEXO 2

Capa jornal Zero Hora edição de 29 de janeiro de 2013 – ano 49 – Nº 17.279

www.zerohora.com

ZERO HORA



FALHAS E ERROS BANAIS CAUSARAM TRAGÉDIA

Especialistas em segurança afirmam que boate de Santa Maria onde morreram pelo menos 230 jovens não poderia funcionar em qualquer lugar do mundo, por não ter pelo menos duas saídas, rotas de fuga, alarme, iluminação e sinalização de emergência

Falta de transparência	A investigação	Uma homenagem	Mal silencioso
Prefeitura e bombeiros não mostram documentos	Polícia prende sócios e músicos da banda	Pâmela foi ao velório do desconhecido que a salvou	A doença que pode atingir os sobreviventes

PÁGINAS 2 a 41 e 55

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 2013 - ANO 49 - Nº 17.279

SC/PR - R\$ 3,00/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 4,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,50

Capa jornal Zero Hora edição de 30 de janeiro de 2013 – ano 49 – Nº 17.280

www.zerohora.com

ZERO HORA

TRAGÉDIA EM SANTA MARIA

BOMBEIROS DIZEM QUE...

- ...POPULAÇÃO DEVERIA TER CUIDADO COM O LUGAR QUE FREQUENTA
- ...É UMA COVARDIA A PREFEITURA TENTAR CULPAR OS BOMBEIROS


PREFEITURA DIZ QUE...

- ...FEZ SUA PARTE EM RELAÇÃO AO FUNCIONAMENTO DA CASA
- ...PREVENÇÃO DE INCÊNDIO É RESPONSABILIDADE DOS BOMBEIROS

JOGO DE EMPURRA

Mais de 72 horas depois do maior desastre da história do Rio Grande do Sul, prefeitura de Santa Maria e oficiais do Corpo de Bombeiros trocam acusações sobre responsabilidades pelo funcionamento da boate Kiss.

PÁGINAS 4 a 23



Estudantes protestam em frente à delegacia que investiga o incêndio

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 2013 - ANO 49 - Nº 17.280

SC/PR - R\$ 3,00/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 4,50/ URUGUAI - S 48 R\$ 2,50

Capa jornal Zero Hora edição de 31 de janeiro de 2013 – ano 49 – Nº 17.281



Empresa de bombeiros executou obra contra incêndio em boate

Hidramix, que pertence aos PMs Roberto Flavio da Silveira e Jairo Bittencourt, atualizou sistema de prevenção e instalou barra antipânico da porta da Kiss. Polícia investiga se empresa participou da elaboração de plano.

➔ **Schirmer: "A prefeitura não tem nenhuma responsabilidade"**

➔ **174 mortos tinham entre 18 e 26 anos**

➔ **Liminares mantêm abertas cinco casas noturnas em Porto Alegre**

PÁGINAS 4 a 26

Peso no bolso

Gasolina sobe na Capital além do projetado

Teste ZH em 30 postos mostra que reajuste médio ficou acima dos 4% sugeridos pelo ministro Mantega. **Página 33**

Reação

Preso sexto assaltante de Cotiporã

Um dos mentores do ataque à fábrica de joias foi detido em hotel em São Leopoldo. **Página 43**

TRANSFIRA
SUA ZERO HORA E LEVE MAIS CONTEÚDO PARA A SUA FAMÍLIA NO VERÃO.
ASSINANTE COM 30 TRANSFERÊNCIAS

O PRIMEIRO HERÓI DA ARENA



Marcelo Grohe (C) defende pênalti e leva o Grêmio à fase de grupos da Libertadores

Proteção cede e torcedores ficam feridos em avalanche



Inter

Tottenham faz oferta de R\$ 63 milhões por Damiano



Empate contra o Novo Hamburgo pode ter sido o último jogo do atacante com a camisa colorada

ANEXO 5

Capa jornal Zero Hora edição de 1º de fevereiro – ano 49 – Nº 17.282

www.zerohora.com

ZERO HORA

OS VAZIOS QUE A TRAGÉDIA DEIXOU
Nos bancos, nos bares, nos quartos.
Jovens falam sobre a saudade dos amigos mortos no incêndio da Kiss.

KZUKA

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 1º DE FEVEREIRO DE 2013 - ANO 49 - Nº 17.282 SC/PR - R\$ 3,00/ DEMAIS REGIÕES - R\$ 4,50/ URUGUAI - \$ 48 R\$ 2,50

Polícia Civil investiga empresa de bombeiro

Delegados tomam depoimento de uma das sócias da Hidramix, que executou obra prevista no plano contra incêndio da boate Kiss. MP analisa se houve favorecimento.

PÁGINAS 34 a 41 e ROSANE DE OLIVEIRA (8)

Perícia conclui que espuma inapropriada causou as mortes

ADEUS, AVALANCHE



Após acidente no jogo contra a LDU, polícia faz perícia na arquibancada. Grêmio concorda em acabar com a comemoração

Esportes

AS CORES DO CLÁSSICO

O palco do Gre-Nal em preparação



Funcionário do Colosso da Lagoa pinta o gramado em Erechim

Aumento livre

Consumidor sem defesa para gasolina mais cara

Postos que reajustaram preço acima do previsto pelo governo não estão irregulares. **Página 18**

Raio X do trabalho

Mais empregados acima dos 50 anos no Brasil

Aumento da expectativa de vida faz trabalhador permanecer na ativa por mais tempo. **Página 12**

Briga dos pedágios

Concessionárias ganham 1º round contra Tarso

Liminar adia o repasse do polo de Carazinho para estatal que administrará praças. **Página 6**